

FALSIFICAÇÕES

Este 5.º número da 3.ª série, de *Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, reúne um conjunto de contributos dedicado ao tema falsificações. Substituição de um conteúdo ou de um objeto originais por uma réplica, a falsificação é uma prática de raízes ancestrais. Contudo, as questões que suscita têm vindo a ganhar particular acuidade, nos nossos dias, ao serem plasmadas pela dialética entre uma falsa autenticidade e uma autenticidade falsa, deliberadamente programada e promovida.

Os artigos que neste número são reunidos cruzam âmbitos disciplinares que vão da economia aos estudos musicais, ao jornalismo, à moda, à investigação acerca de obras de arte, à literatura, à história moderna e contemporânea ou à arqueologia, num profícuo diálogo entre tempos, lugares e culturas.

A abrir o volume, em “As falsificações e o bem-estar” Carlos Pimenta explora a falsificação económica, um tipo de falsificação que, apesar de poder ou não implicar um impacto económico-financeiro imediato, envolve sempre o logro de um efeito de camuflagem. Nesse sentido, Carlos Pimenta põe em evidência as metodologias estatísticas atualmente disponíveis para deteção da fraude, bem como os contributos para a sua perceção que podem ser fornecidos pela circulação de informação. Por conseguinte, seria simplista apontar a natureza humana como explicação para esse logro, face à ingência de medidas e práticas sociais legalmente consagradas, que se traduzem na moral vigente. Ficam assim enunciados os domínios capazes de conferirem um contributo efetivo para a necessária deteção e erradicação da fraude económica.

Em “Música contrafeita. A partitura como autenticidade falsa”, Margarida Teixeira Neves investiga os confins que correm entre autenticidade e falsificação, tomando por objeto a *Western Art Music*, numa análise ubicada no domínio metodológico da epistemologia e da estética. À diferença do que se passa com outras formas de expressão artística, a música encontra-se vinculada a uma dimensão performativa e a um acontecimento, o da interpretação, o que leva a autora deste contributo crítico a radicar a respetiva autenticidade nesta vertente. Considerada

por si, a partitura encarna uma condição estática, que torna a autenticidade falsificada condição para a continuidade da existência da obra musical, nas suas futuras execuções, na sua abertura a modos de interpretação apropriados e nas condições da sua receção. Daqui se desprende o complexo quadro de interseções explorado neste artigo.

Por sua vez, em “A cópia, a Moda e a propriedade industrial” Humberto Pinheiro Lopes, ao abordar a proteção da propriedade industrial no campo específico da moda, começa por apresentar as medidas legislativas e os tratados internacionais que tutelam produção e distribuição, detendo-se posteriormente sobre a história dos circuitos que lhes andam associados. Apesar de todas as disposições vigentes, a distinção liminar entre original e contrafação pode redundar na proteção de abusos cometidos por quem se apodera de marcas, desenhos ou patentes de outrem, com finalidades que em tantos casos implicam transações avultadas. Neste sentido, Humberto Pinheiro Lopes descortina, sob a censura a que a cópia é sujeita, a posição de grupos dominantes protegidos pela propriedade industrial. Paralelamente, reconhece à cópia um possível valor alternativo, como forma de questionar hegemonias.

“Alguns contributos das ciências para a investigação de obras de arte”, escrito a quatro mãos por Francisco Paulo de Sá Campos Gil e Lídia Maria Gil Catarino, apresenta os meios e as técnicas detidos pela investigação científica para atestar a autenticidade ou a falsidade de obras de arte com suporte material. Da mesma feita, mostra-se em que circunstâncias cada um desses procedimentos deve ser aplicado e descrevem-se técnicas apropriadas à análise de suportes minerais, lígneos, metálicos, vítreos, cerâmicos, ósseos, têxteis, cartáceos e outros. Francisco Gil e Lídia Catarino dão pois a conhecer um trabalho de vincado cunho interdisciplinar, dado que a aplicação dos expedientes laboratoriais descritos se efetua em permanente diálogo com domínios que vão da história da arte à biologia.

O artigo “Verità o falsificazione? Gli Alleati e la mafia sulle pagine dell’*Ora* (1958-1963)” leva Ciro Dovizio a reconstruir a história das peças do debate acerca da cumplicidade, entre máfia sículo-americana e Estados Unidos, na organização do desembarque na Sicília em julho de 1943. O conluio foi noticiado pelo jornal de Palermo *L’Ora* e obteve uma tal recetividade que, em tempos mais recentes, se veio a projetar sobre consolas de videojogos e ecrãs cinematográficos. Diferen-

temente, há outras versões dos factos. Posto isto, o autor do artigo leva a cabo o levantamento de toda uma série de peças jornalísticas, inquéritos e ensaios, essenciais ao esclarecimento da verdade histórica e dos processos de falsificação a que o episódio foi sujeito. Paralelamente, enquadra os termos do debate gerado na rede de relações estabelecida entre máfia e política.

Maria de Fátima Gil, em “Stefan Zweig, Romain Rolland e a Grande Guerra”, desenvolve um tema premente, passado que é um século sobre a primeira guerra mundial. A autora do artigo começa por colocar uma série de questões epocais que, num contexto europeu, se prendem com a posição do intelectual face ao intervencionismo. A esse propósito, a ambiguidade do posicionamento de Stefan Zweig coloca vários interrogativos, no que toca às pós-verdades. Para o esclarecer, a autora do artigo detém-se sobre o epistolário trocado entre Stefan Zweig e Romain Rolland durante os anos de guerra, acompanhando as vicissitudes biográficas de Zweig, os registos do seu diário, a sua produção literária e a sua atividade de publicista. Assim recebe nova luz uma sucessão de cambiantes, traduzida num percurso evolutivo que muito deve ao diálogo com o escritor francês.

Seguidamente, em “‘Que lindo cenário!’ Trasformazione della facciata nazionale durante l’Estado Novo” Agnese Soffritti investiga a construção discursiva e cultural do imaginário através do qual o Estado Novo representou as tradições folclóricas portuguesas. Desta feita, são considerados os mecanismos de contraposição que transmutam a ficção do regime em verdade e, inversamente, a autenticidade em falsificação. Posto isso, a autora do artigo estabelece um paralelo entre essas contrafações e o fetiche, pela sua capacidade de criar ficções sedutoras, de forma a re-semantizar e esteticizar o mundo rural. Finalmente, recupera os antecedentes oitocentistas da utopia que plasma o processo, incidindo, além do mais, sobre a visão projetada para o estrangeiro.

No artigo “‘*Nemine discrepante*’: Agostinho Barbosa (1590-1649), estudante da Universidade de Coimbra, erudito lexicógrafo, canonista difamado?”, Paola Nestola acompanha as várias etapas do percurso intelectual de Agostinho Barbosa, desde o seu nascimento e das suas origens de família, até à sua formação académica e à tomada de ordens religiosas. Além disso, contextualiza a sua inserção em meios académicos e eclesiásticos, descrevendo as suas estadias na cúria romana e na corte de Madrid, bem como a sua produção lexicográfica e jurídico-canonística.

É em Roma que o jurista Ianus Nicius Eritreus, *alias* Giovan Vittorio Rossi, faz algumas considerações acerca do estilo de vida de Agostinho Barbosa, referindo Paola Nestola algumas hipóteses acerca das motivações do que considera ser uma falsificação.

“Eruditos, falsificações e miliários”, de Vasco Gil Mantas, incide sobre o reconhecimento, como falsificação, de testemunhos epigráficos transmitidos por dois humanistas portugueses, André de Resende e frei Bernardo de Brito. O autor do artigo procede a uma nova análise de informações de relevo fornecidas por esses eruditos, tendo em linha de conta a especificidade da obra de cada um deles. Passa ao crivo várias inscrições epigráficas que registaram, mostrando que, apesar do libelo de falsidade a que não escaparam, se trata na verdade de testemunhos autênticos. O ónus recai, em particular, sobre os juízos emitidos pelo crítico prussiano do século XIX Emil Hübner, o que não invalida o facto de certos registos transmitidos por André de Resende e por frei Bernardo de Brito serem invenções, nem tão pouco de essa ter sido uma prática seguida, na sua esteia, por subsequentes gerações.

A secção de artigos conclui-se com “Uma epígrafe inventada por Frei Bernardo de Brito”, de José d’Encarnação, que se debruça sobre algumas inscrições epigráficas a que frei Bernardo de Brito faz alusão no capítulo XIV da *Monarquia Lusitana*, intitulado “Da jornada que Bruto fez contra os moradores da Beira e como tomou por assento da guerra a cidade chamada Moro, e do sítio onde esteve, com outras cousas tocantes a esta conquista”. As pesquisas empreendidas por José d’Encarnação vêm justamente esclarecer os termos da articulação entre estratégia ficcional e autenticidade verosímil.

A este conjunto de artigos, seguem-se as reflexões, em âmbito criativo, de Miguel Miranda, e a entrevista de amplo espectro ao crítico e escritor Nuno Júdice, conduzida por Marta Anacleto, bem como uma secção de recensões críticas e o convite à participação no próximo número de *Biblos*, que será dedicado ao tema Arquétipo.

Rita Marnoto
Coordenadora da Direção Executiva